

Numa carta ao dominicano Joseph-Marie Perrin, publicada em 1950 sob o título *Autobiographie Spirituelle*, Simone Weil indica com precisão o lugar que o Pai Nosso ocupou na sua vida a partir do verão de 1941¹:

¹ Em anexo à coletânea póstuma *Attente de Dieu*, na qual o padre Perrin publicou os manuscritos que a filósofa lhe tinha confiado antes de partir para os Estados Unidos. Simone Weil deixou Paris na companhia dos pais a 13 de junho de 1940, nas vésperas da entrada dos Alemães, e chegou a Marselha pouco antes de 15 de setembro. Depois de tentar, sem êxito, ir para Londres, deixou Marselha a 14 de maio de 1942. O seu encontro com o padre Perrin, então responsável pelos jovens universitários, deu-se no convento dos Dominicanos de Marselha, a 7 de junho de 1941. Muito ativo na organização da resistência católica aos ocupantes, Perrin pôs Simone Weil em contacto com os grupos de Témoignage Chrétien. Em *Mon Dialogue avec Simone Weil* (Paris, Nouvelle Cité, 1984), o padre Perrin descreve os seus encontros frequentes, que giravam à volta da «fé implícita» da filósofa, da sua recusa do Batismo, da natureza do amor de Deus e, mais genericamente, do lugar da espiritualidade na existência humana. Ver a introdução de R. Chenavier na secção «Religion» dos *Écrits de Marseille (1940-1942)*, Paris, Gallimard, 2008 (*Oeuvres Complètes*, IV), pp. 213-253.

«No verão passado, quando estudava grego com Thibon², fiz-lhe a tradução palavra a palavra do Pater em grego. Tínhamos prometido um ao outro aprendê-lo de cor. Não creio que ele o tenha feito. E eu também não, naquela altura. Mas, algumas semanas mais tarde, ao folhear o Evangelho, pensei para comigo que, como tinha feito aquela promessa e era uma coisa boa, devia cumpri-la. E assim fiz [...] Desde então, impus a mim própria como única prática recitá-lo uma vez todas as manhãs com uma atenção absoluta³».

Escrito em Marselha alguns meses mais tarde, em maio de 1942⁴, o seu comentário apresenta-se como uma série de meditações sobre cada um dos versículos do Pai Nosso, em grego, tal como aparecem no Evangelho de São Mateus e como foram retomados na liturgia das Igrejas cristãs⁵, acompanhado da sua própria tradução⁶. Também foi publicado na coletânea de 1950, sob o título «A propósito do Pater», mas como nota à margem da correspondência com o padre Perrin⁷. Este texto maior merece hoje ser lido por si mesmo, tal como os grandes comentários de Tertuliano, São Tomás de Aquino ou Karl Barth, para que pos-

² O filósofo Gustave Thibon – empresário agrícola em Saint-Marcel d’Ardèche e futuro editor de *La Pesanteur de la Grâce*, em 1947 – que tinha proporcionado a sua participação nas vindimas em Saint-Julien-de-Peyrolas, no Garda.

³ *Attente de Dieu*, Paris, Fayard, 1966 (1.ª edição: Éditions du Vieux Colombier, 1950), p. 136.

⁴ Segundo os editores do volume de Marselha das *Oeuvres Complètes*, publicado em 2008. Nesse mesmo ano, no entanto, Maria Concetta Sala datava-o «mesmo em cima do outono de 1941» na sua edição de *Attesa di Dio*, Milão, Adelphi, 2008, p. 282.

⁵ A oração que Jesus ensinou aos seus discípulos chegou até nós em dois Evangelhos: Mateus 6, 9-15, após o Sermão da Montanha, e Lucas 11, 2-41, por ocasião da subida a Jerusalém. A versão de Lucas é mais curta do que a de Mateus.

⁶ No *Cahier IV* encontramos uma versão mais literal, contemporânea da época das vindimas (*Oeuvres Complètes*, VI/2, p. 135), que figura como nota ao texto do Pai Nosso.

⁷ *Attente de Dieu*, *op. cit.*, pp. 151-159.

samos sentir o que Jacques Juillard designou recentemente como «o hoque Simone Weil⁸».

«A MINHA ÚNICA PRÁTICA»

Trata-se, antes de mais, de um documento fundamental em matéria de evolução espiritual de Simone Weil. Graças a ele, podemos testemunhar a maneira como ela rezava até à hora da morte e também o sentido que atribuía à oração. Simone Weil – que tinha recebido a certeza do Deus vivo por ocasião da sua viagem a Portugal, em agosto de 1935, que se tinha ajoelhado por primeira vez em Assis, na Igreja de Santa Maria dos Anjos, e que tinha sido «tomada por Jesus» em Solesmes, em 1938 – durante muito tempo não rezou, não se permitia rezar. Não tinha ousado confessá-lo ao padre Perrin quando se encontraram pela primeira vez⁹, mas tinha-se aberto a ele na *Autobiographie Spirituelle*: «Eu nunca tinha pronunciado uma oração litúrgica. Já me tinha acontecido recitar o Salve Regina, mas só como um belo poema¹⁰».

Rezar o Pai Nosso foi algo que começou a fazer – não apenas todas as manhãs, mas várias vezes ao dia – , durante as vindimas na região do Gard, onde se matava a trabalhar¹¹, tornando-se essa oração parte integrante da «mística do trabalho»¹² que, a seus olhos, permite uma adesão total a Cristo, uma vez que «nenhuma finalidade terrena separa os trabalhadores de Deus¹³».

⁸ Jacques Juillard, *Le Choc Simone Weil*, Paris, Flammarion, col. «Café Voltaire», 2014.

⁹ «O contacto consigo não me conseguiu convencer a rezar [...]. Ao mesmo tempo, estava muito incomodada por não rezar e não lho dizer» – *Ibid.*, p. 38.

¹⁰ *Ibid.*, p. 39.

¹¹ «Uma semana depois comecei a vindimar. Recitava o *Pater* em grego todos os dias antes do trabalho e repeti-o muitas vezes na vinha» – *Attente de Dieu*, *op. cit.*, p. 136.

¹² É o título de um dos capítulos de *La Pesanteur de la Grâce* (Paris, Plon, 1947).

¹³ *Ibid.*, p. 178.

O trabalho braçal, tal como o tinha levado a cabo em 1934 e em 1935 na Alsthom e depois na Renault, já não ia lá sem oração, atingindo assim o ideal dos Beneditinos¹⁴.

O que representa para ela o Pai Nosso? Oração das orações cristãs, «[ele] contém todas as preces possíveis; não podemos conceber uma oração que não esteja já incluída no Pai Nosso¹⁵». Pelo lugar central que confere à «oração que saiu para nós dos próprios lábios de Cristo»¹⁶», Simone Weil inscreve-se numa longa tradição após Tertuliano, no século II, para quem a *oratio dominica*, a oração do Senhor, constituía «o resumo de todo o Evangelho¹⁷; Santo Agostinho, segundo o qual «quando rezamos santamente, fazemos de todas as necessidades os pedidos contidos na nossa oração»¹⁸; ou São Tomás que, em 1273, lhe consagrou um longo sermão quarresmal¹⁹ e escreveu na *Suma Teológica* que «a oração dominical é perfeita²⁰». É também uma oração que, depois da Contra-Reforma, o catolicismo colocou na primeira linha dos textos que definem a fé. O catecismo do Concílio de Trento dedicava uma parte considerável – oito dos seus 46 capítulos²¹ – ao comentário do Pai Nosso, e

¹⁴ No século XIX atribuía-se-lhes a divisa «Ora et labora» («Reza e trabalha»).

¹⁵ P. 49.

¹⁶ *Attente de Dieu*, *op. cit.*, p. 129.

¹⁷ Tertuliano, *De Oratione* com *De Baptismo*, ed. Dietrich Schleyer, Turnhout, Brepols, 2006. Ver Adalbert-Gautier Hamman (ed.), *Le Notre Père dans l'Église Ancienne*, Paris, Éditions Franciscaines, 1995; *id.* (ed.) e Martin Steiner (trad.), *La Prière en Afrique Chrétienne*, Paris, Desclée de Brouwer, 1983; Daniel Vigne (ed.), *Lire le Notre Père avec les Pères*, Paris, Parole et Silence, 2009.

¹⁸ «Lettre à Proba sur la Prière», in *La Prière en Afrique Chrétienne*, *op. cit.*, pp. 137-139.

¹⁹ São Tomás de Aquino, *Explication du Notre Père. Traduction par Un Moine de Fontgombault*, Paris, Nouvelles Éditions Latines, 1978.

²⁰ *Sum. Teol.*, II-II, 83, 9.

²¹ Primeira edição em 1566. Substituído em 1992 pelo *Catecismo da Igreja Católica*. Gerard J. Bellinger, *Bibliographie des Catechismus Romanus: Ex Decreto Concilii Tridentini ad Parochos, 1566-1978*, Baden-Baden, V. Koerner, 1983.